

# Tele-Documentário: Educação, Arte, Ciência e Técnica

Geraldo A. Lobato Franco\*

## Índice

1	Introdução . . . . .	1
2	À procura da verdade . . . . .	3
3	Educação, pedagogia e didática e suas ligações com as demais áreas do saber . . . . .	7
4	Uma mídia educativa, dentro das grandes mídias . . . . .	12
5	Em rápida conclusão . . . . .	16

## 1 Introdução

Quem tem medo do documentário? Para se responder a essa pergunta torna-se necessário que antes se responda a pergunta: quem tem medo da verdade?

O que seria a verdade factual vista nas comunicações modernas como um todo e em particular na mídia televisada, senão uma interpretação, não raro distorcida, dos fatos reais?

A realidade, transformada, interpretada, torna-se uma figura fugaz, um cavalo de batalha, um fenômeno metafísico, ou então, num outro extremo, o dos cientistas da educação, um instrumento de ensino e aprendizagem. É por este ângulo que abordaremos o problema.

Esta forma de interpretação é a que agora nos interessa, se bem que outras existam e até se interpenetrem, mesmo se paradoxalmente, fazendo parte da dialética da arte como elemento condutor do conhecimento total, se é que semelhante possibilidade de todo exista.

Mas não muito diferente da realidade interpretativa do cineasta e diretor argentino Fernando Birri, clarificando ao estabelecer um desses paradoxos postos, afirmando “Já estão ultrapassadas as formas ortodoxas: documentário e ficção se integram...”<sup>1</sup> Ou seja, quando assim determinam os diretores.

É, portanto, um foco deste ensaio a peça de arte e de educação pela cinematografia, a sua história, o seu desenvolvimento, bem como a sua atual e presente inserção no mercado mundial das tele-comunicações e da mídia televisada: o documentário televisado ou tele-documentário.

Aqueles que o ignorem como uma obra de arte e como uma ferramenta para a melhoria do conhecimento e da cultura da população em termos de passagem desse saber, recente e importante, especialmente aos setores carentes de educação ou deseducados,

---

<sup>1</sup>Birri, Fernando em entrevista à TVE (espanhola) numa emissão de 2 de dezembro de 1998, captada no Rio de Janeiro às 09:40 hs.

---

\*Ph. D. em Tecnologias Educacionais.

são exatamente os que têm medo do tele-documentário.

Talvez medo de perder o seu nicho mercadológico não importa qual, medo de aprender um pouco mais mesmo se com os seus próprios erros, medo de enfrentar a realidade de um novo século que rapidamente se aproxima em que o saber não é mais só suficiente – o saber mais e melhor – sim, é o que a todos importa e o que todos de fato carecem.

Crianças, jovens, adultos, idosos, trabalhadores, empregados ou não e aposentados, todos, todas as pessoas de todas as comunidades, urbanas, conurbanas, periféricas ou rurais. Esta é a clientela em potencial do tele-documentário. Percebe-se logo.

Temem-no aqueles cujas intenções são sistematicamente sub-reptícias, motivadas por interesses investidos, auto-centrados e de razões ambíguas, ou o que ainda pode ser o pior, egoísta do tipo aproveitador das circunstâncias, hipócrita e oportunista. A estes os próximos anos estarão lhes reservando uma surpresa.

De outro ponto de vista, descrever a realidade como uma de muitas expressões da verdade, pode ser objeto de múltiplas interpretações, *moods* ou ainda formas genéricas. Este aspecto talvez seja mais fácil de ser compreendido, dependendo do ponto de vista que se adote.

Ou porque os que tentam compreendê-la se atêm à verdade científica objetiva, mesmo se aproximada ou temporária, ou porque refletem o poder da imaginação, mesmo se iniciante e claudicante. Porém, reconheça-se que estas posições transitem do subjetivo ao objetivo e vice-versa quase que livremente.

Os documentaristas notórios por sua interpretação pessoal da realidade, tal como Jacques Cousteau, reconheceram-no e reafirma-

ram esse realismo idealista e subjetivo, inventado a fim de se obterem resultados. E observe-se que o interesse de Cousteau era tanto em ciência quanto em entretenimento. Ele próprio o reconhecia e o reafirmava, pelo que pagou caro em termos de credibilidade de audiência.<sup>2</sup>

Na arte como na ciência, a verdade fala por si mesma, o legítimo se sobrepõe ante à fraude, como se separa o azeite à água. Mesmo se as áreas cinza onde se mesclam indelével mas momentaneamente, sejam facilmente detectadas com os instrumentos mágicos do tempo e da razão.

Logo, compreende-se com facilidade que esse tipo de *gestalt* criado possua características próprias e como tal possa ser observado, examinado, admirado e até mesmo criticado sem dificuldade.

Quem teme entender o tele-documentário como um instrumento de ensino, aprendizagem e entretenimento educativo, teme reconhecer a verdade, na medida em que este nela mergulha, não só conscientemente mas até mesmo no inconsciente coletivo, nas profundezas do primitivo das sociedades e no seu ethos.

Vemos então que o documentário para convencer, tem que também vencer as barreiras e distâncias, sociais, do tempo, de idéias preconcebidas, da apresentação do fato em si, da interpretação do saber transferido, da sua sensível apreensão e descoberta, e às barreiras de conhecimento de outras áreas de cognição, compreensão, entendimento e percepção, e que estas dependem de ainda outros domínios, como os das ciências sociais,

<sup>2</sup>Farren, John. “Jacques Cousteau: vivendo a lenda”. Série Grandes Nomes, GNT, realizado pela BBC em 1995(?) e levada ao ar (*NET-GNT Rio*) no Rio de Janeiro em 16 de abril de 1999.

das ciências físicas e naturais e sobretudo da tecnologia.

## 2 À procura da verdade

Em respeito à ética pedagógica e educacional, e oposto ao filme de ficção que por necessidade operacional necessariamente não diz toda a verdade quando diz alguma, o documentário tem, que afirmar peremptoriamente a verdade e muito em especial a verdade científica objetiva.

Isto, no entanto, não impede que se cometam exageros ou representações, digamos, de extensão artística ou interpretação. É que deve haver um espaço para a interpretação dessa verdade por parte do diretor. E que fique claro, existe uma licença poética que lhe é oferecida pelo cinema como arte.

A audiência tem que dela estar avisada, perceber o seu detalhamento e as suas sofisticações e sobretudo precaver-se dos significados que aí jazem implícitos. Em ciência e tecnologia se há espaço para o engenho e a técnica, este é vedado à ingenuidade e a futilidade, exceto se a serviço de algum fim ou estratégia interna.

Talvez tenha sido este o caso de “*Las Hurdes*” um documentário que foi filmado e montado entre 1932 e 34 pelo diretor espanhol Luis Buñuel. Consta, à boca pequena, que tenha reconhecido que se tratasse de uma reconstrução, uma representação, portanto, até certo ponto uma farsa.

No entanto, observe-se que em sua autobiografia jamais se referiu como se o fosse e sequer tampouco sonhava em fazer um trabalho profundo de antropologia social ou de política como foi assim considerado mais tarde. Era uma cinematografia artesanal, humanística e espontânea, obra prima de um

grande artista, pois pouco ele se importava com a contradição que porventura existisse.<sup>3</sup>

Em termos atuais, será que não hajam tantas *Las Hurdes* no mundo, que só uma pudesse representá-las? Não teria sido, suponhamos, ao invés de um exagero ao contrário, subestimando até o menos visível ou o escondido, para quem não quisesse ou se recusasse a ver, tornando-se uma simplificação necessária, dadas as circunstâncias sociais da época?

Semelhantes especulações em defesa de Buñuel podem argumentar que em seu filme a realidade da pobreza e da miséria humana, nos alvares do século XX na Europa, só poderia ser entendida e clarificada com as ferramentas antropo-sociais do presente. O que é uma posição razoável, tão pouco se conhecia nas ciências humanas então.

Por fim, como um complemento a uma interpretação atual, “*Las Hurdes*” mostra um *shanty town*, um *bidonville*, uma favela, tão reais quanto as que hoje existam e se encontrem e se vejam em toda parte. O citado Carrière, reconhece o fenômeno e afirma antecipadamente:

“Todo o nosso século, ainda que obstinadamente concreto, parece secretamente obcecado com a criação de múltiplas materializações do invisível. O cinema, é claro, tomou parte dessa busca.”<sup>4</sup>

<sup>3</sup>Carrière, Jean-Claude, “A linguagem secreta do cinema”, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995, p. 53. Buñuel, Luis, “Meu último suspiro”, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, onde lê-se: “Depois da filmagem, sem dinheiro, tive que fazer eu mesmo a montagem, numa mesa de cozinha em Madri. Não dispondo de moviola, olhava as imagens com uma lente e as colava como podia. Certamente devo ter jogado no lixo imagens interessantes que via mal.” (p. 196)

<sup>4</sup>Carrière, op. cit. p. 33.

Exceto, é claro, que o invisível social só o é para quem não o quer ver!

Logo, parece menos difícil saber quem tem medo do documentário: são os que se recusam a perceber até mesmo o visível! Como quer Carrière, noutra lugar da mesma obra: são capazes de olhar mas não de ver. E ao artista lhe é dado esse pequeno dom, o de perceber, sentir, ver, até o menos socialmente visível e transforma-lo em obra de arte.

A arte, a ciência e a técnica são as três opções do documentário, o tripé em que se apoia e equilibra o conteúdo fílmico. Essa é a tradição do cinema e do filme documentário, cujo exemplo talvez mais eloqüente seja “*Nanook of the North*” do norte-americano Flaherty (1922), que inaugurou o gênero.

Foi um dos primeiros, senão o primeiro, mas desde cedo preocupa-se com o descritivo-biográfico, com o etnográfico, com o cotidiano, com o exótico. Fa-lo-á sistematicamente usando, no que puder, os três meios.

A corrente até hoje o segue de perto, prova de que o tele-documentário esteja planejado tanto para audiências domésticas quanto as escolares, mesclado ao conhecimento e ao lazer, como explicado noutra lugar.<sup>5</sup>

O documentário televisado do momento atual se concentra cada vez mais consistentemente no equilíbrio dos três suportes do tripé. E com isto consegue atingir o ponto desejado mais plenamente, superadas as dificuldades técnicas e entendido claramente a quem e a quê se destina.

Faz arte naquilo em que representa os fa-

tos ou acontecimentos diários, científicos e históricos, sem pudores ou censuras, considerado o tempo reduzido que dispõe a exaurir o tema escolhido, limitando-se a contornos artísticos palatáveis, à beleza estética da imagem e à consonância sonora: impacta com o belo, o novo, o escolhido, com o bom e o legítimo.

Nisto o faz com a técnica, dispondo sistematica e qualitativamente dela. E com o mais alto gabarito assim se dedica a fazer ciência. Primordialmente Ciência da Educação e indiretamente Didática e Tecnologia Educacional.

Como numa aula explicativa, propõe-se integralmente aos fins didáticos e pedagógicos, a contar uma história ou um fato científico, de modo a que os telespectadores, leia-se alunos, sintam-se enriquecidos com o conhecimento transmitido. Para que aprendam melhor o assunto em pauta e sobretudo motivem-se e sensibilizem-se, tendo a chance de se aprofundar em leituras paralelas, experiências e repetições posteriores ao já claramente explicado na tela.

Com os artifícios da dicção clara perpassam a arte e a técnica. Assim o gênero educativo ora estudado se manifesta nitidamente. Hoje em dia usa o vídeo como usou e usa ainda o filme, os quais servem de suporte técnico à arte e à ciência em vias de serem transmitidas. Vejamos como isso acontece.

Se no princípio do cinema documentário a sua base e suporte físico era extremamente instável, o nitrato, logo depois tornou-se bem menos inflamável e de melhor conservação, o acetato.

Mas hoje em dia o material usado em vídeo nada mais é que inúmeras partículas de óxido de ferro magnetizadas, firmemente ligadas a uma extensa superfície de vinil, a

<sup>5</sup>Franco, Geraldo A. Lobato. “O vídeo educativo: subsídios para a leitura crítica de documentários”, *Tecnologia Educacional*, 136-137, Mai-Ago, 1997, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Tecnologia Educacional-ABT, p. 20-3.

fitas, cuja durabilidade é maior, desde que garantidas a temperatura e as condições gerais de conservação recomendadas.

Por estarem inseridas num estojo plástico, cujo toque humano é impedido mecanicamente, o seu manuseio direto é impossibilitado, fator de maior segurança às bases químicas ou à magnetização eletrônica, que ficam assim garantidas e preservadas.

Os documentários que têm marcado esta junção da arte, com a ciência e destas somadas à técnica de fazê-los e de garanti-los para o futuro e que ademais são possuídos de fins educativos, hoje em dia possuem muitos e variados temas e assuntos.

Citarei uns poucos, o caminho a uma futura e completa filmografia do tele-documentário mundial; esta, mesmo que quase impossível de ser realizada, de modo absoluto e preciso, poderá um dia vir a sê-lo.

Não posso furtar-me a mencionar os exemplos das séries do *National Geographic*, do *NOVA*, do *Nature*, a série de Bronowski com o título de seu livro principal (*The Ascent of Man*), essas todas Norte-americanas. As diversas produções inglesas, de Kenneth Clark (*Civilization: a personal view*), de Burke (*The Day the Universe Changed, After the Warming, e Connections*), do Príncipe Charles (*The Earth in Balance*), e de David Attenborough (*The Private Life of Plants*).

As canadenses de David Suzuki (*The Nature of Things*) e as diversas produções do *Canadian National Film Board*. A alemã de Müller (*Leni Riefenstahl - a deusa imperfeita*) e mesmo da própria consagrada (e odiada em termos sócio-políticos) Leni, mas respeitada por sua capacidade de inovação (*Olympia*). As francesas veiculadas no programa *Thalassa*, uma colagem excepcional

sobre assuntos do mar de Georges Pernoud e *Le siècle des machines* da antiga e competente produtora Gaumont.

Também as produções brasileiras de Sílvio Tandler (*Os anos JK e Jango*) e de Sílvio Back (*A Revolução de 30, A Guerra do Brasil, Os Mucker e Zweig: a morte em cena*). Uns poucos exemplos, sem dúvida, de um universo imenso e extremamente variado, porém entre nós subestimado quase que por completo.

É minha opinião que os tele-documentários norte-americanos, ingleses e canadenses tenham atingido a quintessência da perfeição, obtida com o tripé mencionado Arte, Ciência e Técnica, direcionados à Educação.

Conseguiram-no pela capacidade de abstração da técnica, da arte e da ciência a ser exposta em favor de, e como instrumento para a consecução da obra como um todo.

Sobretudo quando quem escreve seus roteiros procura alcançar uma determinada *teachability*, vale dizer, uma qualidade e perfeição em que a habilidade do ensino torna-se transparente no tonus de entrega (*delivery*) representada oralmente pelo apresentador, na competência de seus diretores, produtores, montadores, ou seja, na escolha de imagens e na seleção de sons e de metáforas gráficas ilustrativas daquilo que se está descrevendo.

Parece que a gramática e sintaxe escolhidas pelas equipes de especialistas atingiram o seu ápice pela minúcia e sensibilidade por elas demonstradas. Os assuntos e temas diversos quando tratados à luz de suas especialidades são esclarecidos com uma farta evidência e sutileza que jamais poderiam ser substituídas, mais eloqüente que fosse o orador, o professor, ou o tribuno.

Nem poderia deixar de sê-lo; a justaposição de imagens, criando uma linguagem, a do cinema, veio evoluindo e hoje o conteúdo oral organizado em *scripts* ou roteiros, substitui os meros explicadores, se bem que estes ainda sobrevivam nos jornais-falados, de algumas de nossas estações de TV.<sup>6</sup>

É comum ouvir-se no tele-documentário uma sombra da influência convincente dos *speakers* do passado. Os explicadores do que está acontecendo hoje tomaram a forma de narradores e apresentadores.

São eles *connoisseurs* esclarecidos que ao reforçar o poder da imagem emitem comentários extremamente bem escritos e proferidos, concatenados às formas (fotografadas ou sonoras), tornando o gênero complexo, duradouro e sofisticado, reforçando e transferindo à memória a coerência ambicionada, por ser discreta, a um só tempo que comprometida, quando veiculada de forma clara, conseqüente e inteligente.

Mas, porque essa presença do apresentador, que de tão óbvia poderia ser ou parecer dispensável? Entre outras razões porque hoje se sabe que a mente humana não percebe a totalidade das imagens visíveis, em especial a alguns de seus detalhes ou particularidades.

Cabe ao apresentador, entre outras coisas, clarificar aquilo que é mostrado e que se vê, mas que em certos casos pode passar e de fato passa, como desapercibido. Esta é a sua missão, preponderantemente necessária ao entendimento do tele-documentário, pois faz parte da gramática explícita do gênero. Mas não fica só nisso.

O apresentador como narrador explica o que está acontecendo e identifica as imagens

com a totalidade e o tonus da obra fílmica, seja esta composta de imagens de arquivo ou de tomadas específicas em locação ou em estúdio. Conduz um fio de pensamento à lógica final do produto e vale acrescentar, dirige a atenção da audiência a este ou aquele ponto fundamental da obra. Além do apresentador, existem os entrevistadores e entrevistados e os eventuais prestadores de informações específicas, de momento, ou absolutamente indispensáveis ou ilustrativas: as testemunhas.

O segredo do equilíbrio entre todos estes instrumentos e ferramentas de descrição está na prestação de expertise completa, dinâmica e o mais rápida e incisiva o possível. Estes elementos promovem uma fluidez maior à passagem de conteúdos informativos adequados à sintaxe fílmica adotada.

A sintaxe fílmica moderna embutida no documento se detém a explicar os detalhes, mesmo que sucinta e sinteticamente, para os fins de uma melhor compreensão e de uma maior absorção. Se o apresentador vive o drama ou a ação gráfica, a sonorização sublinha o sentido dessa situação enfatizando o que parecer necessário.

Daí porque os ruídos (a não-comunicação) são inoportunos e nem um pouco bem-vindos. Os ruídos visuais, aqueles que são forçados, as vinhetas de emissoras, não raro se tornam objeto de transtorno à compreensão, entre nós especialmente, onde itens legendados em português são comuns.

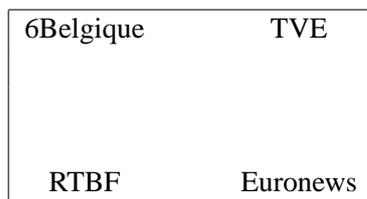
Fazem com que a parte lateral das legendas fiquem por elas ofuscadas, impedindo a sua leitura. Ou então se sobrepõem aos detalhes da obra, pois aparecem nos cantos de tela, já podadas nas laterais, em se tratando de certos filmes de tela estendida, seja em *panavision* ou em *vistavision*.

É quanto a essas vinhetas, que em geral

<sup>6</sup>Carrière, op. cit., p. 21.

são os logogrifos (logos) de empresas que produziram a obra, mas que quase sempre são os das que meramente as apresentam, fazem-no exageradamente, sem critério, somente mostrando a que vieram: registrar a sua presença na tela.

Por exemplo, numa emissão, captada em 15 de outubro de 1997 (no canal 27 de então) a TVE espanhola, havia nada menos que quatro vinhetas, de cima para baixo e da esquerda para direita, como no gráfico que se segue:



[tela de televisor]

Qual a graça da brincadeira? Qual a ordem de captação, produção, direção e de montagem das imagens originais? Nada disso ficou claro, só mostrando que as quatro emissoras se arrogavam o direito de posse delas, até mesmo se estas se tornassem invisíveis ou atrapalhadas, tanta a vontade de aparecer espalhada pelos cantos da tela. Ou seja, para confundir mais a audiência e diminuir a viabilidade da complexa seriedade da matéria.

Agregue-se o detalhe fatal que respeita os países que pela sua necessidade de compreensão produzem as suas adaptações à sua língua materna, o que significa a absoluta importância de se incluírem os famosos subtítulos ou legendas.

A sobreposição nada natural dessas aos referidos logos complica e impede ainda mais a compreensão, o que não chega a ser nem de longe algo louvável. Decerto, tornam-se ver-

dadeiros ruídos visuais, evitáveis, como já se explicou. Tanto assim que, uma vez certos programas atinjam os intervalos requeridos pelos anúncios, rapidamente eles desaparecem da tela, certamente por obrigação contratual com o patrocinador.

### 3 Educação, pedagogia e didática e suas ligações com as demais áreas do saber

A que e em que os tele-documentários equilibrados e completos podem beneficiar a Educação, a Pedagogia e a Didática? Como se concebem tele-documentários com este fim precípuo?

Se concebidos dentro das normas de qualidade pretendidas, os teledocumentários beneficiam o entendimento, a compreensão e a percepção do micro, deixas e insinuações, avenidas de pesquisa, campos e áreas do conhecimento do macro, abrindo ainda mais as portas já entreabertas para um maior aprofundamento cognitivo, onde as audiências elicitam e promovam a sua curiosidade, sobretudo quando mapeiam o conhecimento do ser humano e exponham a clientela (alunos e professores) a novas experiências, mesmo se algo passageiras ou temporariamente vicárias.

Graças a uma multidão de pessoas, estudantes e curiosos, que queiram conhecer o mundo e as coisas sem sair de casa, hoje temos uma miríade de programas sobre o meio-ambiente terráqueo (e também o espacial) tão desconhecidos em seus mais ínfimos detalhes, até bem pouco tempo.

E acrescenta-se que são desconhecidos porque se tratam de informações extremamente específicas de áreas e disciplinas do

saber quase nunca amplamente abertas às grandes faixas populacionais. Por exemplo, a Astronomia e Cosmologia, a Informática e a Medicina experimental.

Para deixar ainda mais claro, só da série *Nature* existem mais de 200 programas (de cerca de 55 min. cada), uma invejável metragem filmada, que se estima num total de mais de 1500 horas de programas finais, levados ao ar pela *PBS – Public Broadcasting System*, a TV educativa Norte Americana, sobre as Ciências Naturais e a Ecologia do meio-ambiente, filmadas e apresentadas entre 1982/93.

Ora, isto transcende o respeito pelas audiências. Vai mais além. Torna-se vontade de fazer um trabalho educativo bem feito, de acertar e de repetir o acerto. Decerto vai além de ser representativa do bom gosto e da boa programação seqüenciada, fatores importantes para o conhecimento da realidade humana. Deixa com isso de se isolar num paraíso fabricado pela mídia, para compartilhar a variedade da fauna, da flora, de conhecimentos científicos variados de uma boa parte da história e da geografia mundiais.

São peças de arte bonitas por que boas, boas por que de bom gosto, de bom gosto pois foram planejados e precisamente executados. Por isso são peças de didaticismo comprovado e facilmente avaliável, caso necessário.

O mapeamento a que me refiro é e sempre será incompleto, pois a quantidade de temas e assuntos é infinita, como infinitos são os acervos das grandes coleções de bibliotecas de todo o mundo. Infinito quanto é o saber da humanidade, expresso pela ciência, pela arte e pela natureza redescoberta. Resta-nos de nós mesmos, apoiar-lo e assumi-lo como

os seus verdadeiros donos que de fato somos. Mesmo se pela televisão e pelo vídeo.

Já o seu conteúdo de didaticismo é complexo, na medida em que complexas são hoje as ciências e a tecnologia. Mas, longe de se concentrar somente nessas duas áreas de interesse educativo. O tele-documentário as extrapola e as une quando se acredita seja importante.

Já a sua avaliação em termos formais só não é executada com mais frequência porque pode ser confundida com o cinema, em que os filmes passam por um crivo da crítica de audiência, caso daquelas apresentações de pré-estréia, onde as audiências convidadas preenchem um cartão depois da sessão.

Assim, com todos os problemas de produção existentes, resolvidos ou não, esse conhecimento infinito ainda continua a se multiplicar, sem precisar de domar platéias passivas, mas dirigindo-se a um infinito de dimensões cósmicas da sabedoria da humanidade. E ainda há muito o que fazer sobre esse tema central do tele-documentário que é a divulgação científica racional do saber humano.

A educação moderna exige que todos nos cientifiquemos de conhecimentos recém-descobertos, de pesquisas em andamento relatadas quanto as suas últimas novidades, avanços e empecilhos. Mas porquê essa necessidade e dificuldade tão prementes?

Explica-se pelo *publishing lag*, isto é, o tempo que leva do *dernier cri* do pesquisador até a sua publicação em periódicos de seu ramo ou em livros, que se torna cada vez mais longo e demorado, conforme se atesta com frequência.

A indústria das publicações simplesmente não dá conta do *backlog* estimado em muitos

meses de espera para que se possa ler um artigo científico publicado, em condições normais, ou em anos até, se dadas condições extraordinárias.

A transferência de informações, seja a título de ensino, seja a título de preservação do saber científico, para ter o seu *up date* para estar em dia com o novo, peca, e o faz injustamente com semelhante espera forçada, fenômeno que de resto é lastimável, pois atrasa por demais a normalidade do fluxo de conhecimentos, de cognição e consequentemente de aprendizado.

Mas este é um problema que não tem uma solução visível dada a explosão das informações, assunto já pesquisado intensamente no passado por diversos especialistas em Ciência da Informação.

Prejudica-se a passagem livre de conhecimentos importantes, do debate e da discussão destes, devido a esta espera interminável. Por isso, o estamento científico tem partido para soluções temporárias e dependentes de condições favoráveis, para a troca de conhecimentos novos.

Estou me referindo às cartas, aos *pre-papers*, enfim, à literatura dita cinzenta. A rede Internet tem sido ultimamente a grande facilitadora deste fluxo livre de saber. Têm-se com ela obtido resultados positivos nesta corrida para o futuro, que já é hoje.

Entretanto, não se sabe ao certo ainda, se o custo irá demonstrar maiores benefícios que o determinado pela parcimoniosa tradição acadêmica. Porém, até agora tudo o indica.

O crescimento vertiginoso de tecnologias e a sua rápida passagem da pesquisa para a indústria e desta para o comércio e às ruas, tem forçado uma crescente quantidade de pessoas do meio acadêmico e fora dele a

adotar as tecnologias de ponta em comunicação de dados à distância. Todo o acadêmico que se presa está ligado na *web*, esta é a verdade. São hoje poucos os que não o estejam.

Contudo, o reino e o ritmo dos tele-documentários são outros. Mais sutis, mais convincentes e mais esteticamente dotados de equilíbrio de forças se bem que, por outro lado, mais dependente da mídia por ser mais consistente. Por não tentar competir de frente com a mídia primária, apesar de em determinados momentos poder fazê-lo, e o faz com todo o seu poder de persuasão mediática.

Assim foi o caso do tele-documentário da série *Nova (Confusion in a Jar)* sobre a fusão nuclear à frio (*cold fusion in-vitro*) criada num laboratório universitário de Utah, Estados Unidos, e depois recriada noutros laboratórios pelo mundo afora, até chegar à visibilidade dos centros de física das universidades mais importantes daquele país e da Europa, nos quais se constatou o dilema de todo pesquisador sério – estarei certo ou errado?

Enfatizado em extremo pelas diversas trocas de informações da *web*, (via *e-mail*), finalmente, tendo se constatado o equívoco, o erro, quem sabe, a fraude! A dúvida persiste e cabe à audiência chegar a um acordo e a uma conclusão à respeito.

Outro exemplo em que o *publishing lag* é diminuído, tem sido a passagem de informações sobre genética aplicada à medicina, a genômica, voltada em particular à oncologia. É de David Suzuki (*The Cancer Hunters*, da série *Cracking the Code*) da CBC, Canada.

Ao que se sabe, estes tele-documentários tiveram uma curtíssima gestação e uma apresentação às platéias excepcionalmente rápida, se considerados em termos gerais do *publishing lag* da imprensa acadêmica.

Como informativos, ricos em novidades, tiveram o seu momento de glória, a de sem se tratar de *newsreel*, ou seja, um noticiário filmado, de produção rápida e descuidada como uma grande parte destes o é, em levar sólidas informações científicas, se bem que sem detalhes exaustivos, a uma população ansiosa de notícias do assunto. E o que parece ser mais reconfortante – no seio de seus lares, às oito horas da noite!

Mas, sendo o tele-documentário, sem dúvida, uma mídia secundária, é dotado de algumas características das mídias primárias. Só não poderia sê-lo em sua totalidade porque esbarra na função técnica que no ramo significa qualidade de produção e de apresentação como produto, como afirmado noutra lugar.<sup>7</sup>

Em compensação, esta qualidade oferecida, somada aos artefatos científicos e artísticos referentes ao conteúdo, revertem-se a seu favor no trato com a matéria, as suas fontes, as suas vertentes e confluências bem como a imensa gama de possibilidades que surjam, comprovando ou não e sempre evidenciando cada segmento, enfatizando ou sublinhando cada assunto. Por isso convém situar o tele-documentário justamente como uma mídia não só secundária como formativa além de educativa. Vai-se constatar que essa importância seja bem maior do que até agora se acreditava.

Nunca parece de menos a ênfase no lado estético que perpassa a arte e a ciência. Uma ciência é boa quando é elegante, pois neste reino o que é belo e claro, bonito e elegante, freqüentemente é bom, por definição. Mas, *caveat emptor!* O inverso é quase sempre

verdadeiro: o que é maltratado e feio é sempre ruim e vagabundo!

Não existe espaço para imagens torpes ou de mau gosto. O cafona, o *kitsch* e o vulgar só têm ninho quando ilustram o cafona, o *kitsch* e o vulgar. Podem até ser tema principal e como tal deveriam ser tratados. Mas isso não deve ser uma regra geral, se bem que no cinema tudo vale.

Muito pouco é dedicado a formas inferiores do estético no tele-documentário, até mesmo porque não existe uma platéia para tais demonstrações, bastando o que acontece diariamente na TV aberta para suprir a ânsia dos desesperados em saber que existem mais e maiores desesperados do que eles próprios, no (i)mundo da TV de auditório e das ratazanas do écran. Ao vivo, metáfora para ao morto, sem que ninguém desconfie. Exemplos? Vejamos.

Magistralmente, Silviano Santiago mostra em artigo jornalístico-acadêmico, a combinação de “prisão” e “pátio dos milagres” a que se reduziram certos programas “ao vivo” da TV brasileira, nominadamente, “o faustão, gugú, ratinho et caterva.”<sup>8</sup> Nestes a censura existente é a “da gramática e do dicionário” pois:

“Ao combinar enunciados estereotipados (a um clichê segue-se outro clichê), o falante renega a liberdade que lhe é concedida pela escala ascendente de liberdade. Ele se deixa encerrar, sem voz própria, *na prisão da língua.*”<sup>9</sup> (ênfase acrescentada)

As instâncias do cerceamento da liberdade de se expressar e do mau gosto mórbido tornam-se assim mais variadas e mesmo pro-

<sup>7</sup>Franco, op. cit. p. 20-3.

<sup>8</sup>Santiago, Silviano. “Ratinho preso: sobre a censura, gramática e estilo”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, cad. Idéias, 24 de janeiro de 1998, p. 5.

<sup>9</sup>Santiago, op. cit., loc. cit.

líficas. Elas realçam o nível de qualidade superior o qual está sendo demonstrado como possuído do tele-documentário. Explicita os seus termos, escancara as portas do contraste entre o bom e o ruim.

Aliás, o papel da televisão como um todo tem sido objeto de freqüentes artigos na imprensa brasileira. Demonstra-se com vigor que quanto a existência da liberdade e dos direitos civis e humanos ou não, esta pergunta nunca será respondida sistematicamente, apesar das inúmeras tentativas de se clarificar o assunto, ao menos quanto a audiência da TV. Tudo é relativo. Mas, torna-se claro que a liberdade cessa quando:

“...a televisão impede de pensar. Nos programas de auditório e novelas, a fronteira entre a realidade e ficção é cada vez menor: a produção e a edição televisiva impedem que a pessoa sequer reflita sobre o que se passa, confundindo o real com o ilusório, fazendo com que o mundo simulado da imaginação lhe pareça mais verdadeiro que a própria vida.”<sup>10</sup>

Acredita-se no entanto que possa existir um fator de redenção na televisão, compensatoriamente ao circo empoeirado e sem graça que resulte dessa farsa pseudo-manifestação libertária imposta, abuso do direito das pessoas em terem um lazer decente e saudável dentro de suas casas.

Em recente visita ao Brasil, Alvin Tofler foi entrevistado por Tamara Leftel, e entre outras das interessantes idéias ali ventiladas, saiu-se com as seguintes explicações: “Combinem-se a televisão, o computador, os pais, as comunidades e as pessoas irão revo-

lucionar o ensino”. E logo adiante, ele explicita alguns dados Norte Americanos:

“A maior revolução no ensino nos Estados Unidos de 75 a 95, até o presente, foi que as pessoas ensinaram às outras como usar o computador! Mais de 50 milhões delas o fizeram.”<sup>11</sup>

Se de um lado temos a limitação auto-imposta de uma liberdade pseudo-verdadeira e negativa para uma sociedade sempre em constante ebulição e efervescência, ao impor-lhe certas normas comportamentais, que raramente não lhe são nocivas, temos, como se procurou mostrar, as possibilidades que engrandecem a mídia ao invés de vilificá-la e torná-la vulgar.

Em última análise, torna-se uma questão de escolha. Mas poderia ser, se é que vamos ter tantas horas de vulgaridade no ar, de negociação. Se é que este espaço seja propriedade de todas as pessoas do país, assim, como compensação teríamos ao menos o quádruplo dessas horas em projetos e programas educativos criativos e de bom gosto estético, entre os quais os tele-documentários.

Parece-me que isto seja por fim o que esteja acontecendo vagorosamente, neste fim de século, na TV brasileira de dentro para fora. Ao menos na TV à cabo pois a TVE, a TV Cultura e as outras educativas juntas, foram incapazes de realizá-lo consistentemente no passado da TV aberta. Ora, custa pouco sermos pragmáticos! E sabermos usar as nossas mídias adequadamente!

É óbvio que os exemplos desse pragmatismo variam de lugar para lugar e de razão para razão. No Canadá francês (na provín-

<sup>10</sup>Rabaça, Carlos Alberto. “A educação e o papel da televisão”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 1 de dezembro de 1997, p. 9.

<sup>11</sup>Tofler, Alvin. “Entrevista à Tamara Leftel”, *Conta Corrente*, Globo News, Canal 40 (NET-Rio), 19 de dezembro de 1997.

cia de Québec), em fins dos 80, por exemplo, as suas autoridades mediáticas oficiais resolveram permitir a divulgação de filmes eróticos nas noites dos fins de semana. Entre outros a *Serie Rose*. Os resultados foram certos. Houve um pequeno e representativo pico nas estatísticas provinciais de crescimento populacional, na taxa de natalidade, tão estimadas pelas autoridades e reconhecidamente requerida nos países de *ZPG - Zero Population Growth!*

Note-se de passagem que a *Serie Rose* seja um primor de tele-documentário histórico-erótico, onde desfilam roteiros dos mais picantes da literatura clássica mundial. Excelente exemplo da motivação que podem exercer na clientela ou platéia específica.

E mais recentemente lá mesmo do Norte maravilha, têm-se chegado a diversos acordos sobre o que deveria ser o currículo diário de programações da TV aberta, incluindo a adoção de chaves de controle doméstico para a audiência de certos horários, testadas no Canadá e só há pouco conhecidas. Assim, constata-se esta espécie relativa de compensação, em que:

“Os mitos, as imagens da felicidade, as imagens dos filmes são os elementos fundamentais do comportamento dos consumidores. O conjunto do mercado é, portanto, fundamentalmente determinado por fenômenos míticos e algumas vezes místicos (muito se fala numa mística do consumo!)”<sup>12</sup>

O mito ou mística aqui ainda não totalmente comprovados é que a TV influi diretamente no comportamento infanto-juvenil. No fundo, o consumo doméstico anglo-canadense tem sido matéria de uma longa

<sup>12</sup>Moles, Abraham. *Rumos de uma cultura tecnológica*, São Paulo, Perspectiva, p. 248.

e equilibrada discussão dentro da sociedade e motivo de profundos rearranjos quando se notam os equívocos ou as falhas.

Ou surgem ainda dados de pesquisas mais recentes para abalar os referidos mitos. O seu modelo parece acertado em termos locais mas ao que se saiba não foi repetido noutros lugares com sucesso pois depende de um constante intercâmbio sociedade e autoridades reguladoras e mídia.

Já entre nós a coisa ainda continua numa queda de braço sem fim, numa perda de tempo preciosa, num gasto enorme de matéria cinzenta, de horas de trabalho inúteis. De energia humana consumida sem uma finalidade específica ou ao menos aceitável.

As barreiras de uma sociedade baseada no capitalismo selvagem, edificadas no charco da incúria de políticos desinteressados e secretários, fundada em princípios e em fins religiosos estapafúrdios, estão nos levando a nos perder no mar da ignorância e da miséria. Mas, que escolha teremos a curto e médio prazos?

#### **4 Uma mídia educativa, dentro das grandes mídias**

Como se insere o tele-documentário em termos da lógica mediática? Será que existe uma lógica mediática, outra que a do capitalismo selvagem aplicado?

Sempre existem as questões tais como, de que modo se pode sobreviver como emissora independente, pagar as contas de luz, dar algum lucro, e no fim, manter-se em dia com os avanços da tecnologia? Poderão os conglomerados mediáticos, dentre eles se situando as estações de TV sobreviver, pela mera repetição medíocre do modelo

Norte-americano? Conseguirão, enquanto isso, conquistar as clientelas de telespectadores, as suas amadas tele-audiências, resguardando um mínimo de independência? Ou até de sobriedade?

Sob que fórmula desesperada somarão e multiplicarão a medição dessa audiência e quais seriam as futuras metodologias estatístico-matemáticas, hoje representadas na famosa e infame pontuação do IBOPE-Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Pesquisas, com os quais se formam essa audiência?

Se parecem-nos perguntas excessivamente retóricas ou acadêmicas, decerto não o são. Sequer pretendo respondê-las nesse momento, apenas consignar a sua irrestrita existência. Por enquanto, reflitamos um pouco à respeito.

Como se fosse num milagre da definição básica da mídia, as estações de TV devem, por força, atender a certos critérios de qualidade para que as empresas de publicidade, de propaganda e de marketing, possam nelas veicular, em tempo regidamente pago, as suas campanhas publicitárias, spots, clips, etc. Esta é a regra. Quanto mais sofisticada a estação, mais caro o minuto. Quanto maior a sua audiência, mais caro e custoso nela penetrar.

Não importa a sofisticação, detalhamento ou qualidade, aparentemente ao tele-documentário lhe falta o agressivo e poderoso poder manipulador de massas. Ninguém compra mais ou menos depois de ver um seriado como os do *Nova* ou *Nature*.

Mas, dependendo da ênfase do programa poderá, talvez, comprar melhor e mais sabiamente. Isto pode ser motivo de discussão, mas, que se saiba, não existe ainda um processo de mensuração e de julgamento de re-

sultados finais empacotado e pronto para uso imediato para cada região brasileira.

E quando existe algo próximo é trabalho de uma equipe localizada na meca da indústria, São Paulo. Para melhor esclarecer o ponto, transcrevo:

“Só para ficar claro: os dados do Ibope que, semanalmente, são publicados pela imprensa determinando se os espectadores de TV preferem o Gugu ou o Faustão, se o Ratinho é mais visto que *Você decide*, se a novela das 8 passou ou não dos 40 pontos, se referem, *exclusivamente*, à audiência paulista. É este mercado que interessa às agências de publicidade. Como todo mundo sabe que o gosto gaúcho não é igual ao gosto carioca, que não tem nada a ver com o gosto pernambucano, que passa longe do gosto paulista, *a interpretação desses dados como verdade nacional é distorcida*. E está fazendo o Brasil inteiro assistir a uma televisão feita para paulistas.”<sup>13</sup> (ênfase acrescentada)

Noutras palavras, uma minoria está enganando um considerável segmento da audiência brasileira com bobagens e mentiras produzidas e geradas no centro político-econômico hegemônico. E validando tais disparates ao invocarem uma audiência local que ao ser extrapolada as demais torna-se fictiva, imaginada, nada além disso.

Não por coincidência, se localizam ali os verdadeiros inimigos da verdade e dos tele-documentários, pois tomam o lugar do bom e do verdadeiro impondo o fácil e a falcutra a uma população desavisada, carente de conhecimentos corretos e até certo ponto despreparada porque ingênua.

<sup>13</sup>Xexéo, A. “Conde loteia as calçadas da cidade”, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil, Caderno B*, 30/09/1998, p. 8.

Vejam os então o caso dos seriados sobre o meio-ambiente, tão populares ultimamente. Que opções nos oferecem, a nós consumidores em potencial, de itens que sejam nocivos à saúde e à ecologia ambiental/animal?

Embalagens não degradáveis como os de folha de flandres ou alumínio, de plástico ou papelão, resíduos de agrotóxicos e pesticidas, etc. uma infindável lista de venenos e de compostos químicos perigosos à vida, postos em comparação aos itens ditos “verdes” ou de qualidade garantida porque ecologicamente produzidos, biodegradáveis, sem agrotóxicos ou fertilizantes fármaco-químicos? Um comentário mediático simples a tais e variados dados parece esperado, mas nem sempre o é.

Afinal, ganha a fatia de mercado quem tem mais a oferecer ao capital, não importa a sua cor. Isto parece lamentável, se bem que da própria natureza do capital, pelo fato de que indiscriminadamente o mundo está se decompondo, criando um fator de aumento da ansiedade geral das grandes populações urbanas, conseqüentemente, piorando as condições gerais de vida à despeito do consumismo, não importa a sua cor.

Quem decide o que a população irá comprar, até mesmo em suas telinhas, é a sensibilidade capciosa e egoísta do gerente intermediário do supermercado e da estação de TV, em geral mal informados, ambíguos e sequiosos de ganho alto, rápido, totalmente avessos às questões filosóficas ou sequer às minimamente éticas.

Eles poderão vetar ou apoiar tais e quais produtos, exigindo da produção agrícola e industrial entre este ou aquele item, respondendo muito lentamente às exigências mercadológicas requeridas pela clientela, forçando o viés com o seu poder de convenci-

mento que se torna assim, por definição, ilimitado. Trata-se de um círculo vicioso inquebrável, intransponível.

O papel fundamental que cabe ao capital, nesta dança do ventre insólita, é o do arbítrio final: quem, ou o que dê mais lucro em menor fração de tempo vence o concurso. *In hoc signo vinces*, cifrão neo-liberal! As raras exceções só fazem confirmar a regra.

Porém a posição do mercado tende a variar aqui e ali. Na presente França e Alemanha, onde os produtos com o chamado selo verde de qualidade, devidamente estabelecidos, comprovados, controlados, estão permeando os nichos competitivos de mercado e exigindo o seu lugar ao sol.

Isto talvez seja um resultado mais imediato das campanhas intensas do *Green Peace*, do *WWF*, da *IUCN* e de outras ONG devotadas à ecologia e a qualidade ambiental para os seres humano e animal, e também dos Partidos Verdes lá existentes e extremamente ativos, nos campos ético, político e ideológico. E desde logo também no comercial. Campanhas essas que incluem a elaboração e disseminação de tele-documentários informativos.

Nessas campanhas o poder de persuasão didática e estético-visual desse bons tele-documentários parece imenso, desde que seja exposto sem a notória oposição e competição aos programas de estética duvidosa e de aprendizado vulgar; ele tem luz própria e pode sobreviver às campanhas de quaisquer origens e ideologias.

Entretanto, permanece a questão: qual será o papel dos tele-documentários voltados ao meio ambiente nestes (e noutros) países? De que maneira seriam eles defensores dos direitos civis (e humanos), tão duramente conquistados pela humanidade ao cor-

rer do tempo? Respostas a tais questões não surgem facilmente, exceto se fundadas em um programa de pesquisas intensivo que se saiba inexistente.

Os bens simbólicos produzidos pelas campanhas publicitárias como a dos Verdes europeus refletem a oportunidade de escolha entre itens de mercado variados mas potencialmente perigosos à saúde pessoal, sem falar da ecologia do meio ambiente, e de outros itens da agenda que sejam benéficos ao homem e ao seu mundo.

Até mesmo como uma conseqüência de estudos e pesquisas de institutos de pesquisa universitários ou não, *Tink Tanks*, etc., muitos dos quais, eles mesmos, se tornam objeto de tele-documentários.

Neste domínio, portanto, predomina o seu papel de meio educativo e didático primordial. E principalmente se acaso se faça notar pela oportunidade que ofereça aos grupos representativos da vontade da população, nunca antes suficientemente representados na mídia, exceto em momentos extremos de calamidade pública, quando todos os órgãos correm em defesa do povo, até então jamais previamente defendido.

Torna-se talvez uma questão de sobrevivência e quase nunca objeto de previdência pois não há tempo nem vocação para isso. O capital reclama sem cessar a sua perpetuidade, os seus juros e interesses.

Isto se explica por serem estes grupos quase sempre explicitamente altruístas e benevolentes, devotados à sua causa que, afinal, torna-se a causa de um mundo nos alvares de um desespero maciço, motivado pela superpopulação e pela inadequação de sua maioria em produzir o seu sustento sem destruir o seu entorno.

Uma subsistência forçada e forçosa que se

torna impossível sem a educação e a preparação para o pior que se aproxima à passos largos. As populações mundiais não vêm nem encontram uma saída para os seus muitos e fundados temores chernobilesco. Ou seriam goianescos?.

Onde todas as terras, rios, lagos e aquíferos, estejam sendo inexorável e inequívocamente agredidos, assoreados, poluídos, onde os mares e oceanos são maciçamente degradados a ponto de não retorno, mares estes onde, afinal, são empurrados todos os chorumes da sociedade capitalista de consumo, a lixeira aonde vai parar a suja lavagem do capital selvagem.

Mas não toda. O exemplo nos é íntimo, explícito à Noroeste de nossa fronteira e largamente encontrado no Sudeste maravilha. Pelo que por enquanto só se pode lamentar.

Que mais se pode esperar de uma natureza assim agredida? Uma autodepuração milagrosa mas mentirosa, preparada pelo marketing? Um Santo Graal para onde cairão todas as lixeiras do mundo e de onde fluirá todo o ar e água limpos com o qual deveremos nos purificar de nosso pecado, o capital, antes do dia do juízo final? Um buraco negro ecológico de onde borbulhe o maná, vertendo mel dos botões e auto-falantes das telinhas domésticas?

Os tele-documentários não prometem que isso aconteça, nem poderiam fazê-lo. Isso é tema de novela. Mas também não se limitam somente a botar o dedo na ferida purulenta: na floresta destruída ou ainda a ser destruída, nas minorias indígenas certas ou erradas, mas sempre dizimadas, escorraçadas, nos outros povos da floresta e do mar, os caçadores e pescadores artesanais e as suas preocupações com uma sobrevivência ecolo-

gicamente possível, se as grandes corporações o permitirem.

Tudo aquilo em contrário às tendências de mercado, à invasão do gado de corte ou das monoculturas gigantescas em áreas tomadas à força do meio ambiente natural e do povo, e voltadas à exportação. Além de destruidoras do bioma e dos micro climas aí instalados, há milênios, se arroga à dotação de benesses, fiats e graças governamentais, por definição equivocados ou tendenciosos.

Talvez sejam alguns temas prediletos de tele-documentaristas engajados e preocupados. São sem dúvida eixos temáticos em termos acadêmicos, não só das ciências humanas e sociais, como das ciências exatas, matemáticas e da natureza.

Ganha a estética mas a ética, nunca chega na frente. Fica sempre faltando dominar algum detalhe. Fica sempre algo para o próximo filme atacar. Como humanos, somos incompletos por definição. É o que prepondera nesse gênero. As respostas às motivações impostas pelo momento são via de regra rápidas.

Por exemplo, quando se começou a falar em idos de 1990 das comemorações da descoberta da América, imediatamente surgiram diversos itens sobre este assunto, sobre Colombo, sobre a Geografia e a História das conquistas e descobertas.

Mas ao se prepararem para o fim do século, surgiu o maravilhoso *Millenium* do antropólogo que viveu entre os Xavante, Maybury Lewis. Há sempre espaço para o tema da hora, como se pode notar.

Para a rediscussão dos problemas nacionais e internacionais logo se reeditaram e se reescreveram histórias, tais como *Vietnam—a Television History* e mais tarde o pedagógico e bem dotado de imagens de arquivo *Battlefi-*

*eld*. Assuntos rotineiros mas de certa urgência e abrangência.

Até a CNN tem apresentado nas telinhas brasileiras, recentemente, o seu *Cold War*, outro primor de interpretação realística da História por meio de imagens de arquivo tele-jornalístico.

Ao se reabriram as portas da cordialidade diplomática entre Rússia e Estados Unidos, apareceram no *Nova: The Russian Right Stuff* sobre a corrida espacial soviética, e recentemente itens sobre o balé Kirov e o Bolshoi, as tristes glórias da velha e poética mãe Rússia. Afinal, na heterogênea diversidade do tele-documentário, é vista a motivação característica do gênero, um verdadeiro *Man for All Seasons*, para quem se lembra do filme biográfico deste título sobre o bispo Thomas Morus.<sup>14</sup>

## 5 Em rápida conclusão

Como se tem procurado demonstrar, em termos de prestígio de mídia o tele-documentário está na crista das ondas como novidade televisada, na criação de bens educativos simbólicos, sobretudo na lógica mediática como um excelente instrumento didático de passagem de conhecimentos; noutras palavras, se bem construído e montado será também um bom produto de audiência e de vendas.

Haja vista as suas cotações de preços no mercado e a sua divulgação generalizada na TV à cabo. Torna-se desnecessário mencionar a preocupação estatal em veiculá-los. Constata-se que falta muito pouco para que

<sup>14</sup>A *man for all seasons* foi como Erasmo chamou Thomas Morus: *Omnium horarium homo*: Um homem para todas as horas. Van Doren, C. *A History of Knowledge*, New York, Ballantine, 1991, p. 160.

venha a ser o elemento *sine qua* definitivo da aprendizagem.

Entre outros detalhes menores, em vias de serem concretamente identificados em sua totalidade, para que se torne um elemento mais positivo de ensino-aprendizagem, requer-se essencialmente uma crítica inovativa e criativa, pronta para localizar rapidamente os seus atributos de coerência, coesão e consistência.

E com isso não se pode negar a clarificar os seus pólos, como se tocam e repelem, para fins de melhor entendimento deles e para o aperfeiçoamento do assunto no ramo de atividades do tele-documentarista como comunicador de massa e educador que ele verdadeiramente deveria ser, mas nem sempre é.

Uma avaliação crítica assim elaborada, iria criar e elicitar idéias sobre como, onde, quando, o quê e porquê criticar, seria na essência uma meta-crítica, olhando para o seu próprio umbigo, a sua gênese, analisando e sintetizando a sua lógica interna, sem se descuidar de outras lógicas possíveis de cada item criticado, de seus conteúdos artístico-educacionais e técnicos, intuitiva e objetivamente, se é que tais fatores não se oponham, ao contrário, se completem.

Pelo que se suspeita, vão mais além, se atraem e se tocam, tornando efetiva uma avaliação acadêmica formativa, informativa e naturalista. Enfim, uma crítica que extrapole os paradigmas vigentes.

Mas não pararia tão cedo aí. As pesquisas em ciências têm diretamente a ver com o como e porquê a matéria estudada tem agido e reagido equivocada ou irregularmente. Um tal procedimento alinear interessa ao pesquisador pois ilumina o caminho não só abrindo outras avenidas de pesquisas mas clarificando as questões que surjam no

decorrer do estudo, em total benefício da Ciência.

A visão ora proposta de uma metodologia crítica de pesquisas sobre tele-documentários e da didática por eles transferida, está no nascedouro e não elucidada, em vista da necessidade de uma fundamentação teórica profunda mais elaborada e que não foi por completo determinada e obtida, estando em vias de ser cuidadosamente identificada, descoberta e pesquisada.

Afinal, o que se procura nessa pesquisa é desvelar uma mídia que sirva ao presente se alongando ao futuro, vale dizer, que não só se contextualize às necessidades de hoje, mas esteja e seja voltada ao desenvolvimento e vulgarização de multimídias, com fins educativos, em seus paradigmas curriculares e pedagógicos, não só no âmbito da experiência brasileira como na mundial.

Ao que se supõe, os seus contornos teóricos mais avançados que podem ser elaborados nos domínios da educação e das tecnologias educacionais, estariam por serem adquiridos à contento e praticados com maior fidelidade à sua totalidade enquanto disciplina de ensino ligada diretamente à Didática Geral e Específica do Cinema e da Televisão Educativa.

Algumas pontas do fio condutor fundamental dessa teoria, nos indicam a necessidade de um maior aprofundamento na teoria das inteligências múltiplas de Gardner<sup>15</sup>, bem como nas idéias sobre o método e o saber fazer na escola<sup>16</sup>, avaliação e metodolo-

<sup>15</sup>Gardner, Howard. *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*, New York, Basic, 1993.

<sup>16</sup>Wachowicz, Lilian A. *O método dialético na didática*, Campinas, Papirus, 1991.

gia de pesquisa qualitativa<sup>17</sup> e da modernização e educação expressas por Berger<sup>18</sup>, entre outros. Inclusive sobre o pensamento de Mannheim, em particular no que concerne as diversas formas da mentalidade utópica<sup>19</sup>.

Sobre as relações entre a Educação, o meio ambiente e os seus conseqüentes desdobramentos, *The Brundtland Report* e a *Agenda 21*<sup>20</sup> são indispensáveis. No ramo da pesquisa sobre cinema, multimídia e documentários, existe espaço para um aprofundamento segundo Andrew<sup>21</sup> e outros que porventura tenham sido temporariamente olvidados. Ou ainda não encontrados.

Espero que se possa dentro em breve adquirir os conhecimentos e habilidades necessários à execução de semelhante tarefa.

Este texto está publicado em *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, v. 30, no. 152-153, jan-jun 2001, pp. 90-103, em versão parcial.

---

<sup>17</sup>Guba, Egon G. e Lincoln, Yvonna S. *Fourth Generation Evaluation*, Newbury Park, Sage, 1989.

<sup>18</sup>Berger, Peter et al. *The Homeless Mind*, New York, Vintage, 1973.

<sup>19</sup>Mannheim, Karl. *Ideology Utopia, an Introduction to the Sociology of Knowledge*, New York, Harvest, 1936.

<sup>20</sup>The World Commission on Environment and Development, *Our Common Future*, (conhecido como) *Brundtland Report*, Oxford, University Press, 1988 e UNCED, *Agenda 21: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*. Brasília, Senado Federal, 1997.

<sup>21</sup>Andrew, J. Dudley. *As principais teorias do cinema, uma introdução*, Rio de Janeiro, Zahar, 1989. Em especial, veja-se a sua longa bibliografia.